

Linhas Abertas 04 - Jardins Suspensos

Quando eu fotografo daqui de cima, eu gosto sempre de imaginar que eu estou numa fusão com a cidade

Quando eu vejo a cidade dentro de mim ou dentro das pessoas que eu retrato, é a sensação de me ver no outro. E eu tenho essa frase que é “Eu me vejo em você”

Eu me vejo em você o tempo todo mesmo que você não saiba.

E sempre numa tentativa de diálogo ou de tentar me enxergar no outro e não sentir tão sozinho numa cidade como São Paulo.

Minhas primeiras lembranças daqui é que eu vinha visitar minha bisavó e todas as janelas elas sempre estavam fechadas e cheias de cortinas para não entrar nem barulho e nem poluição. Desse novo equipamento da cidade que é o minhocão.

Então imaginar que minha bisavó morava aqui numa área residencial. E em 11 meses toda essa região deixou de ser um bairro para ser a passagem de uma estrada.

Aqui era um bairro bom, na região havia mais lojas. Às noites no verão, as noites as madames passeavam.

Aqui foi chique meu, entendeu?

Então a vida aqui era totalmente diferente, quando construíram, quando o maluf mandou a construir o minhocão aí que começou a ficar ruim. Os sem tetos começaram a ficar debaixo das marquises, debaixo dos viadutos. As senhoras não saíam mais à noite porque era perigoso.

A solução de uma via expressa elevada tem uma referência nas obras dos anos 60 fora do Brasil. Teve na Europa teve nos Estados Unidos, mas no momento que o minhocão é realizado aqui esse tipo de solução já estava sendo contestada.

Quando a obra é inaugurada 25 de janeiro no aniversário da cidade de 1971, no jornal do dia seguinte já estavam a crítica àquela obra, que até hoje se mantém.

O prejuízo que ela traz, do ponto de vista urbanístico, social, econômico pra área por onde passa.

A minha relação com o barulho na minha região e na minha casa é insuportável, porque imaginar quando o minhocão está aberto ele faz entre 70 e 80 decibéis...

É uma sensação muito estranha morar aqui e esse barulho todo o dia inteiro, todos os dias...

Eu acho que em relação ao minhocão é muito evidente que tem um valor socialmente construído por trás dessa permanência dele que é a prevalência do transporte individual. E me parece que isso daí vem mudando nos últimos anos.

Tem uma geração de jovens que já não querem tirar carteira de motorista e ganhar um carro aos 18 anos.

Ele já estão usando o transporte público e defendendo o transporte público. Nós vamos ter também a ampliação de corredores e faixas de ônibus, nós vamos ter as criações das ciclovias. Tudo isso e com muita resistências, mas isso é parte de um processo de minimização do valor do transporte individual por automóvel.

Ocupação espontânea do espaço público.

Ninguém ofereceu nada, um conforto uma sobra, um banheiro. As pessoas frequentam o minhocão, porque eles ocuparam esse lugar.

É um espaço muito agressivo sonoramente, de poluição e visualmente falando e ao mesmo tempo de, quando está fechado, de possibilidades de encontro com a cidade, de possibilidade de estar na cidade.

O Esparrama nasceu no final de 2012, a gente fez um espetáculo para teatro em espaço convencional aí foi um ensaio desse primeiro espetáculo, aqui nessa sala.

O público parava e ficava olhando para janela. E ficavam parado olhando para o nada, só ouvindo o som. A gente falou agora não tem jeito vamos criar alguma coisa para cá. Essa experiência de espaço compartilhado é extremamente rica e necessária nesse momento em que vivemos hoje, político inclusive, lembrar a era da arena eu estou eu convivo com outro a rua me convoca a dialogar com outro, diversas histórias.

Já tinha essa vontade a três anos, que meus vizinhos abrissem a janela e visam flores que elas conseguissem enxergar além desse asfalto. As pessoas se sentiram quase que convidadas a conhecer esse lugar que era tão duro, mas naquela imagem com as flores ficou muito claro que tinha uma poesia ali.

As pessoas esquecem que é uma batalha antiga que chegou nisso, das restrições de uso noturno, final de mana e essas coisas...

E agora está marcado, qualquer hora o carro não vai entrar mais. A partir dessa questão começou a hipótese de, vamos usar esse espaço para outra coisa e não simplesmente retirá-lo.

É muito impressionante, mas se você olhar o mapa de São Paulo existem apenas três parques no centro de São Paulo são parques de pequeno porte quem pensa em são paulo, já pensa em Ibirapuera, mas Ibirapuera está bem bem distante daqui. Então sobram pouquíssimas opções.

Se você chegar aqui no final da tarde, você vai ver uma coisa muito engraçada, as pessoas correndo ao redor das praças. Para mim isso é bastante sintomático, de um ponto de vista que elas estão pedindo uma estrutura que não está disponível na cidade.

Cada vez mais eu reforço a ideia de que realmente tem que se torna um parque porque é insubstituível, essa área que a gente tem aqui hoje. Ela é um terreno virtual na cidade. De

maneira nenhuma você conseguiria fechar o cruzamento, qualquer outro tipo de proposta de arquitetura que pudesse mudar esse espaço.

É muito bacana a experiência de andar no minhocão porque ele é uma experiência complexa no sentido de ele ser uma rua, ao mesmo tempo não é rua. É um viaduto se assemelha a um parque, mas não é um parque. Se assemelham a rua do interior onde você pode brincar com tranquilidade deixar as crianças correrem sem você ficar tão desesperado e uma experiência sociológica. Eu diria

Eu gosto de vir no minhocão caminhar, acho isso aqui uma delícia para caminhar. Como eu moro praticamente em dois lugares, um ao leste do minhocão e outro a oeste do minhocão. Então minhocão é o caminho do meio que eu sempre uso para andar quando pode.

O que esse elevado promove ao ponto de vista da cidade é muito positivo, muito legal e agradável, eu gosto, eu vejo os prédios de uma forma totalmente diferente assim...

Tenho certeza que eu geralmente jamais veriam se eu tivesse passando na causado aqui em baixo.

Ai vira um grande parque de exposições arquitetônica.

Esses nove metros de superioridade a gente sente isso fisicamente mesmo como se estivesse flanando pelo centro da cidade.

Na minha opinião existem três minhocões. O minhocão de São João, o minhocão no largo Santa Cecília, ele tem um pouco mais de abertura tem outras coisas embaixo dele, como larguesa que tem uma reinterpretação. E o tem o trecho da Amaral Gurgel que liga na praça Roosevelt, que é um lugar que foi recuperado e tal...

E cada um tem uma personalidade. Então eu acho que eles tem que ser entendidos dessa forma. Agora do meu ponto de vista radical, na São João não tem conversa, arranca aquela porcaria. Que ele foi colocado sobre um lugar que na minha opinião é a melhor e mais importante rua de São Paulo. É uma rua histórica, você está dentro de uma cidade densa com prédios significativos um do lado do outro com um espaço urbano articulado com várias praças e essas coisas...

Isso é o coração pulsante de uma cidade como São Paulo.

O minhocão é um desastre consensualmente assumido de um ponto de vista, mas por outro lado passa ser aceito e a gente cai nessa falácia de achar que um problema pode virar solução.

Eu poria mais ou menos nesse universo essa ideia de “não, tudo bem deixar o minhocão deixar de ser uma via expressa e passar a ser um parque. Só que ele ali, ele passa a 5 metros da moradia das pessoas, ele soterra toda uma dinâmica econômica que ainda tem na avenida São João. Ele impede que aquela avenida seja usufruída por pedestre. Acho que é uma falácia, um problema ser de repente encarado como solução.

E uso a favor de hora de fechar para os carros, que se transforme num parque. Porque eu consigo ver o poder de mudança.

Se você tira o minhocão, você vai só ter uma avenida embaixo. E as pessoas falam muito disso. A gente queria que tivesse uma avenida ensolarada de novo. Aí eu fico pensando "uma avenida ensolarada passam carros " Então as pessoas não vão poder usar. Então, se você transforma esse espaço num parque...

Eu acredito profundamente nesse poder de transformação que as pessoas têm em relação a ocupação do espaço e ao uso. São as pessoas que estão usando e definindo para onde caminharemos

Uma das formas que a HighLine mudou os nova-iorquinos é que, quando você sobe lá, você vê as pessoas de mão dadas. E New York não é uma cidade onde se vê pessoas de mãos dadas. Paris talvez, mas não New York.

Quando as pessoas sobem na HighLine, elas desaceleram. Ela aproxima as pessoas, todo tipo diferente de pessoas. Isso é o que os parques e espaços públicos fazem.

Ela nos dá a sensação de estarmos separados da cidade, de alguma forma.

Você sai da malha urbana e está num túnel, um tunel aberto, onde você pode passear de um lado para o outro.

Isso sempre me chamou atenção e obviamente, como arquiteto, ver todos os edifícios e o que estava acontecendo ao longo desse caminho, me pareceu muito interessante, me atraiu muito

"Caramba eu foi na HighLine" Eu também fui, eu adoro o highline. Tem nada ver!

Porque o Highline, essa é grande discussão. O pessoal olha por cima. Tem que olhar por baixo. O que tem embaixo do highline?

Não tem espaço vazio debaixo do highline como tem debaixo do minhocão, não existe a sombra do highline. Ele é ocupado. Ele não tem vazios, ele só é vazio quando ele cruza com alguma rua, passando o trânsito.

O maior problema do minhocão não está em cima, está embaixo. Então o que você fizer em cima e deixa um sombra, lúgubre, em baixo. Ferrou!

Então a gente precisa tomar cuidado porque o minhocão foi uma cópia mal feita do sistema viário americano que se propagou para o Japão... foi para o mundo inteiro Era progresso, Não é mais!

E esse, não progresso, foi substituído de várias formas, o highline é um desse, que era uma estrada de ferro. Que não de trânsito igual a o minhocão. Alguns foram demolidos, outros foram recuperados. Então a gente tem que tomar cuidado para não pegar uma cópia falsificada e colocar um outra falsificada em cima.

Eu me mudei pra Westbeth, uma residência de artistas, a única desse tipo em New York, em 1971. Sim, faz muito tempo!

E quando eu vim para cá, a vizinhança era o que você chamaria de suspeita. Existia todo tipo de pessoa que você poderia imaginar: diferentes tendências sexuais, riqueza, pobreza. Era uma vizinhança muito complicada mais interessante.

Desde que veio a HighLine, o Whitney quis vir, agora existem lojas imensas de design. Quando o eu ando pelo quarteirão, cada semana existe uma nova loja de bolsas, uma nova loja de fivelas para cintos. Ficou totalmente extravagante, é uma mudança enorme do que era.

Eles terminaram o parque, que é celebrado por todo mundo, mas agora está tendo começando a ter um bocado de críticas.

É ótimo ter esse parque tão bonito, mas será que ele realmente está servindo a comunidade onde se localiza?

Será que a construção do parque provocou a mudança das pessoas da vizinhança, ou fez as pessoas ficarem desconfortáveis nessa vizinhança.?

Agora o Chelsea, o bairro onde fica a HighLine, está sendo visto como muito bacana, a capital da moda em New York, mas é também onde milhares de nova-iorquinos moram em habitações sociais. Será que os moradores das habitações sociais são vistos na HighLine? Será que vemos uma programação voltada para suas necessidades ou interesses? Será que estamos vendo uma programação cultural na HighLine que atenda as pessoas que habitam nessas comunidades?

Eu penso que as pessoas estão começando a responder não! Na verdade a HighLine serve principalmente aos turistas, e aos nova-iorquinos ricos que poderiam se exercitar em academias.

Qual é a grande questão? Gentrificação.

Essa nós vamos.... ou nós vamos ser criativos ou o mercado imobiliário vai agir ou vai ter um meio termo. Ou a prefeitura ou os interesses vão se acomodar.

Nós estamos dentro de um mundo, de uma cidade particularmente, da especulação imobiliária atroz.

E muito triste você ver que esse minhocão, hoje, está sendo utilizado de forma muito perversa pela especulação imobiliária.

Em menos de dois anos oito empreendimentos estão subindo entorno do minhocão.

Exatamente nesse período em que a discussão do minhocão está mais aflorado

A gente não pode ser ingênuo. Que a coisa está muito relacionada a outra.

Qual e o interesse de uma especulação imobiliária ?

É uma cidade bonita que tem um parque no meio... na sua frente ?

Creio que não.

E já está acontecendo um processo de gentrificação. Isso já está expulsando uma gama de pessoas que veio para cá, porque aqui era mais barato.

Eu vim para cá porque era mais barato. Se eu não tivesse conseguido financiar este apartamento um tempo atrás, eu também estaria sendo expulso logo logo daqui.

As coisas são mais complexas do que o direito de “eu quero ter direito a um parque lindo” Eu até quero, mas se eu for expulso daqui eu não vou ter direito a esse parque, entende ?

A medida que o setor imobiliário voltou as costas para essa área da cidade, eles se mantiveram como espaços muito interessantes de mistura, né? De populações de atividades de grupos de imigrantes, né ?

Eu acho que muito importante discutir esse setor da cidade para que ele não seja engolido pelos os interesses imobiliários E que muito pelo contrário a gente consiga melhorar, sem ter que expulsar.

Para a gente pensar o que eu quero pro minhocão. Eu preciso primeiro pensar “ o que eu quero para cidade ?” Que cidade eu quero construir ?

Que tipo de parque eu quero construir na cidade?

Aí a partir disso que posso pensar. Esse minhocão como parque me serve ?

Esse minhocão como representação de um estado autoritário que se materializou em forma de concreto, é um bom símbolo para se deixar de pé?

É a partir desses lugares, um pouco mais conceituais talvez, mas que vislumbram um desejo de cidade para além do meu desejo “Eu larley, morador em frente do minhocão?

Qual o meu desejo pessoal? E meu desejo. Eu larley, morador do minhocão, diante de uma cidade?

A gente precisa construir esse desejo de uma cidade que tenha ruas para o encontro.

